

REFLEXÕES SOBRE AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA DO CORPUS PARA A GRAMÁTICA SISTÊMICO FUNCIONAL: TRANSITIVIDADE E CLASSIFICAÇÃO DE PROCESSOS

REFLECTING UPON THE POSSIBLE CONTRIBUTIONS OF CORPUS LINGUISTICS TO SYSTEMIC-FUNCTIONAL GRAMMAR: TRANSITIVITY AND THE CLASSIFICATION OF PROCESSES

Rodrigo Esteves de Lima-Lopes*

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir critérios para classificação de processos dentro do escopo da Gramática Sistêmico-Funcional, a partir de uma abordagem baseada em corpus. Argumenta-se que as características semânticas dos processos podem ser mapeadas a partir de suas colocações, estabelecendo, assim, padrões gramaticais que poderiam servir como parâmetro de análise. **PALAVRAS-CHAVE:** Gramática Sistêmico-Funcional; Linguística do Corpus; Concordância; Colocações; Transitividade; Língua Portuguesa.

ABSTRACT: *This article aims at discussing some criteria for the classification of processes within the scope of the Systemic-Functional Grammar by means of a corpus-based approach. It is argued that the semantic characteristics of the processes can be mapped from their collocations, thus establishing grammatical patterns that could serve as a set of parameters for analysis.*

KEYWORDS: *Systemic-Functional Grammar; Corpus Linguistics; Concordance; Collocations; Transitivity; Brazilian Portuguese.*

Gramática Sistêmico-Funcional e sua relação com a Linguística do Corpus

Este artigo tem por objetivo discutir critérios para classificação de processos e seus argumentos a partir de uma abordagem baseada em corpus. Parte-se do pressuposto que as diferentes escolhas dentro do sistema de Transitividade devem se refletir em escolhas colocacionais.

Tal objetivo só é possível porque a Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF) e a Linguística do Corpus (doravante LC) têm uma origem comum na linguística neo-firthiana (STUBBS, 1996), com uma série de características comuns. Entre elas estariam: 1) a caracterização da linguística como ciência social aplicada; 2) a forma como os dados são obtidos e analisados, 3) o pressuposto de que forma e significado são elementos indissociáveis (STUBBS, 1996) e 4) de seu lugar como uma abordagem pós-saussureana (HASAN, 2014). No caso específico do primeiro, tanto a LC como a GSF têm a preocupação em produzir

* Professor do Departamento de Linguística Aplicada e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: rll307@unicamp.br. Bolsista auxílio regular à pesquisa FAPESP (processo 2016/11230-5).

pesquisas que vão além da simples descrição linguística. A LC tem um larga tradição na produção de materiais didáticos (BERBER SARDINHA, 2000; CHAMBERS, 2010; SINCLAIR, 1991) e na análise de *corpora* de aprendiz (GRANGER; HUNG; PETCH-TYSON, 2002). O mesmo pode ser observado em relação a GSF, em especial nos esforços para inserção de uma política de ensino de gênero (MARTIN, 2000; MARTIN; ROSE, 2008) ou sobre a necessidade de construção do ensino de línguas no contexto da linguagem em uso (HALLIDAY, 2007).

A análise de dados reais, de forma quantitativa e qualitativa, também é uma preocupação de ambas as abordagens (BEAUGRANDE, 2002; BIBER; CONRAD; REPPEN, 1999; HALLIDAY, 2005), e é uma resposta refratária a prática de análise linguística baseada exclusivamente em dados intuitivos (STUBBS, 1996). Nesse sentido, tanto a LC como a GSF partem de dados coletados no mundo real, buscando o estabelecimento de padrões de realização dentro dos diversos contextos de prática linguística. Isso faz com que a análise não traga hipóteses *a priori*, ou tenha seus exemplos escolhidos de forma a satisfazer os pressupostos teóricos do analista. Como resultado, a análise reflete os diferentes contextos de uso da linguagem, além de suas gramáticas específicas.

A terceira característica comum à LC e à GSF pode ser vista como uma consequência de sua vocação empírica. No caso da LC, a construção do significado é claramente o resultado da interação de uma palavra com seu entorno linguístico: o significado se constitui apenas a partir da colocação e associação das diversas palavras que juntas, em cada contexto linguístico e social, formam fraseologias mapeáveis (BIBER; GRAY, 2016; SINCLAIR, 1991). No caso da GSF, essa relação se dá por meio da instanciação de funções dentro de cada Registro (ou contexto de situação). Tais instanciações levariam à construção de padrões que se manifestariam em termos de escolhas e se colocam como mais ou menos prováveis dentro de cada situação comunicativa (BEAUGRANDE, 1993; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; LUKIN et al., 2011; MATTHIESSEN, 1993).

Por fim, esta mesma vocação empírica pode ser o responsável por ambas as abordagens, como colocam Stubbs (1996), Kress (1993) e Hasan (2014), caminharem em direção contrária aos cânones da linguística, que, tradicionalmente, parte-se do conceito de signo definido por Saussure em seu *Curso de Linguística Geral* (1986). Diferentemente de outras disciplinas, pouco se tem discutido sobre a constituição do signo na linguística. A maioria das escolas parece tomar o conceito saussureano como um axioma e talvez a GSF e a LC sejam as primeiras a se contraporem a tal ideia. Tal fato se justifica graças à relação entre

todos os níveis de instanciação: estrutura e significado passam a ser indissociáveis. Se pensarmos que em tais abordagens o significado é motivado tanto contextualmente quanto pela relação entre os diferentes elementos lexicogramaticais, observaremos que ambas também partem da efetiva realização linguística como parâmetro para construção do signo. Ao traduzir tais características teóricas em termos das dicotomias de Saussure, elas estariam efetivamente partindo da *parole* e não da *langue* como princípio analítico (HASAN, 2014; STUBBS, 1996), tendo a instância como insumo para suas discussões.

Uma importante diferença entre a LC e a GSF talvez seja o fato de a primeira ser uma teoria que, apesar de surgir no âmbito dos países de língua inglesa, não tem seus conceitos básicos fundamentados especificamente neste idioma. Concordâncias, cálculo de colocados, entre outros conceitos, podem ser utilizados em qualquer língua, respeitando as características peculiares de cada texto, contexto e cultura. Já a GSF, por sua vez, corre por uma seara distinta. Nas diversas edições de sua *Introduction to Funcional Grammar* (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014) e em outras obras que fundamentam os princípios básicos de sua teoria (HALLIDAY, 1978), Halliday parte do inglês como língua que fundamenta sua descrição. Apesar da possibilidade de transposição deste modelo para o português – dado que ambas são indo-europeias e possuem uma organização SVO – tal fato não ocorre sem que uma série de questões surjam. Tais questões estão centradas, especialmente, na necessidade de adaptação de um sistema gramatical que tem boa parte de seus fundamentos pensados para uma realidade lexicogramatical específica. No caso do português, há questionamentos em relação às categorias de análise estabelecidas em todas as Metafunções; como é o caso do Sistema Temático (BARBARA; GOUVEIA, 2001; GOUVEIA; BARBARA, 2001; VENTURA; LIMA-LOPES, 2002), do Sistema de Modo (GOUVEIA, 2010) e do Sistema de Transitividade (LIMA-LOPES, 2005, 2008, 2014; LIMA-LOPES; VENTURA, 2008). Para tornar o cenário ainda mais complexo, Halliday e Matthiessen (1999, p. 547–548) colocam que a indeterminação é uma característica comum às línguas naturais: o resultado de um processo de escolha inconsciente por parte dos seus diversos usuários. Uma consequência desse “princípio da indeterminação” é que qualquer análise seria resultante da experiência subjetiva do analista, especialmente no que tange à transitividade. Por essas razões, segundo Lima-Lopes e Ventura (2008), a classificação de processos pode ser uma tarefa complexa em língua portuguesa. Tal realidade analítica leva a uma situação um tanto quanto peculiar para os estudos de GSF em português.

Por conta do exposto, acredito que o parentesco entre a LC e a GSF pode ser um

elemento analítico e facilitador, pelo menos no que tange ao sistema de transitividade. Isso levaria necessariamente à revisão de uma cultura de percepção do objeto de pesquisa, uma vez que a LC, muitas vezes, é utilizada apenas como uma metodologia de sistematização, coleta e levantamento de dados em língua portuguesa (o que incluiria boa parte dos trabalhos deste próprio pesquisador!). Na maioria dos casos, não há uma aplicação dos conceitos básicos da LC, levando à não-utilização de uma série de recursos que poderiam ser valiosos ao analista. Meu objetivo neste trabalho é demonstrar como o parentesco entre a LC e a GSF pode ser utilizado a favor de uma forma de observar o sistema de Transitividade a partir de características típicas do português.

2. O sistema de transitividade

Entre as três Metafunções (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014), a Experiencial pode ser definida como o recurso gramatical pelo qual a linguagem alcança seu potencial representacional (THOMPSON, 1996, 2004). Tal potencial é instanciado por escolhas dentro do Sistema de Transitividade, organizada pelos verbos (ou processos na GSF) e seus argumentos. Tal sistema seria responsável pela expressão de nossas representações, transformando cada proposição no que Halliday e Matthiessen (2014) chamam de *a quantum of change* (ou uma unidade de mudança). Ao representarmos as ações em linguagem estaríamos, na verdade, modelando este *quantum* em algo similar a uma imagem de “fazer”, “acontecer”, “sentir”, “existir”, “dizer” e “ser”, que nos retrata uma relação momentânea entre as entidades presentes no mundo.

O sistema gramatical responsável pela tradução da nossa experiência em linguagem é a Transitividade. É tal sistema que disponibiliza os recursos necessários para transformar nosso *quantum of change* em fluxos de eventos por meio das escolhas processuais e seus argumentos. Cada um destes processos se desdobra pelo tempo e estabelece relações com participantes que desempenham papéis junto aos processos e elementos circunstanciais, cuja função primeira seria adicionar o “pano de fundo” a tais ações. Tais processos seriam organizados pela gramática da proposição, responsável também por imprimir linearidade à nossa experiência.

De acordo com Halliday (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), esse sistema conta com seis tipos de processos: 1) os materiais que representam nossa experiência no mundo exterior, ações realizadas no mundo físico; 2) os mentais que são ações realizadas no mundo

dos pensamentos; 3) os relacionais que trazem significados ligados à identificação, posse e atribuição; 4) os comportamentais que estão na fronteira entre os materiais e os mentais, realizando ações do nosso mundo interior que são exteriorizadas; 5) os verbais que estão no âmbito do dizer; e 6) os existenciais que instanciam fenômenos reconhecidos como existentes.

A existência de seis tipos de processos está vinculada a nossa necessidade de expressão de significados, e não deve ser encarada como algo fixo cuja fronteira não é absoluta ou estanque. Assim como na constituição de cores, as fronteiras são difusas e vão tomando forma gradativamente, um exemplo dessa representação pode ser observado na capa da segunda edição de *An Introduction to Funcional Grammar* (HALLIDAY, 1994), na qual os processos são representados de forma colorida como um degrade de fronteiras pouco claras.

Cada um possui um número específico e tangível de participantes:

1. Nos processos materiais: o Ator (que realiza a ação), o Receptor/Cliente (que é atingido por ela), a Meta (que é modificado do processo) e o Escopo (que completa o sentido do verbo). Ex.: Todos [participante: Ator] podem publicar [processo: Material] conteúdo on-line [participante: Meta]
2. Nos processos mentais: o Experienciador (em cuja mente a experiência se dá) e o Fenômeno (que é o elemento percebido). Ex.: Israel [participante: Experienciador] pensou [processo: Mental] ter aval de Trump [participante: Fenômeno]
3. Os relacionais representam significados ligados à identificação, cujos participantes são o identificado e o identificador, à posse, cujos participantes são o possuidor e o possuído, e classificação, cujos participantes são o Portador e o Atributo. Ex.: A Wikipédia [participante: Portador] é [processo: Relacional] um projeto de enciclopédia colaborativa [participante: Atributo]
4. Nos comportamentais: o Comportante e o Comportamento. Ex.: (...) você [participante: Comportante] pode observar [processo: Comportamental] os gráficos... [participante: Comportamento];
5. Nos verbais: o Dizente, que realiza a ação, a Verbiagem, que é a mensagem em si, além do Alvo, que representa a instância que sofre a ação. Ex.: A vizinha [participante: Dizente] contou [processo: Verbal] inverdades [participante: Verbiagem] sobre o casamento de sua sobrinha [participante: Alvo] ...;



6. Por fim, os existenciais têm como seu único participante o existente. Ex.: Haverá [processo: Existencial] caminhada e comida típica [participantes: Existentes].

3. Corpus

Neste trabalho, os dados são retirados do *Portuguese Web 2011 corpus* que está composto de 4.626.584.246 palavras e está disponível pela ferramenta *Sketch Engine* (<http://the.sketchengine.co.uk>). Entre as possibilidades oferecidas por ela, foram utilizados o concordanciador e o cálculo de colocados.

A análise partiu de processos ambíguos em termos de sua classificação e tipologia e ocorreu em dois momentos. No primeiro, cada um dos processos pesquisados foi submetido ao levantamento de concordâncias, cálculo de colocados e n-gramas, de forma a observar padrões que se mostrassem relevantes para classificação. No segundo, o trabalho buscou a análise de processos deslexicalizados, de forma a buscar padrões que os diferenciassem de seus significados canônicos. Por motivos de espaço, a discussão será centralizada em três processos *contar*, *ligar* e *tratar*. Tais processos já foram indicados em outros estudos (tais como LIMA-LOPES, 2005, 2014; LIMA-LOPES; VENTURA, 2008), como sendo de classificação problemática devido à sua plurissignificação.

4. O estudo

A proposta deste trabalho sugere a utilização de ferramentas que auxiliem no cálculo de itens lexicais que habitem o co-texto de um processo de forma a compreender como sua estrutura semântica se reflete em termos de escolhas lexicogramaticais; comparando as fraseologias de forma a estabelecer uma relação significativa do processo com o seu entorno.

- ex 1 E as incríveis imagens (tendo em **conta** o problema no foco a que fizemos referência (...))
ex 2 (...) a linha de brinquedos lançada pela ACME há algumas semanas atrás **conta** com algumas referências completamente esgotadas!
ex 3 (...) propósito deste livro, vale a pena **contar** uma história. (...)
ex 4 Contenha a respiração enquanto **conta** até oito e depois expire pela outra narina (...)

Como se pode observar nos exemplos acima, *contar* pode possuir mais que uma classificação possível. No ex1, ele poderia ser um processo mental, uma vez que a ação parece estar relacionada a reflexão por parte do falante; no ex2, ele pode ser classificado

relacional, uma vez que parece estar ligado à posse; no ex3 e 4, ele parece estar instanciando significados verbais.

Cada um desses significados pode ter sua relação lexicogramatical justificada a partir de algumas linhas de concordância. No caso do exemplo 1, é estabelecida uma clara fraseologia na qual *contar* faz parte de uma locução verbal precedida pelos verbos *levar (em)* ou *ter (em)*, quase sempre ocorrendo em sua forma do presente do indicativo:

Sempre levei em **conta** as consequências que as minhas possíveis (...)
(...) as abstenções não são tidas em **conta** estas reuniões (...)

A tabela 1, a seguir, traz os colocados de *contar* em seu sentido mental. Observa-se ali que os 10 primeiros colocados são exclusivamente variações de *levar (em)* ou *ter (em)*, sendo que o primeiro parece ser um muito mais provável.

Tabela 1. Colocados de *contar* (mental-I)

N.	Palavra	Valor	N.	Palavra	Valor
1	levando	23,075	6	levado	13,592
2	tendo	59,224	7	levarmos	3,789
3	levando-se	8,263	8	levam	3,861
4	levar	24,954	9	levadas	2,502
5	leva	11,888	10	tivermos	2,071

O significado expresso pelo ex02 também parece possuir uma fraseologia específica. Como podemos observar nas concordâncias a seguir, *contar* como processo relacional é necessariamente seguido da preposição *com* que é o colocado a direita em 100% das ocorrências.

(...) a mais de 1000 crianças, em que 700 **contam** com apoio permanente. (...)
(...) 1,2 milhões de euros, num projeto que **conta** com a parceria da Câmara da Régua e visa (...)
(...) a Experimenta Design e que **conta** com o apoio jurídico, em regime pró-bono (...)
(...) este período de regresso efêmero, que **contou** com a presença de 24 jesuítas, ficou (...)
(...) deu início ao colégio de Campolide, **contando** com a colaboração de mais dois jesuítas (...)

No caso de *contar* em seu significado verbal (exemplo 03) há um contexto de uso relacionado à natureza dos substantivos que colocam com o processo. Os complementos, Alvos em termos da GSF, são diferentes em termos de significados, mas parecem guardar uma característica comum: possuir um traço semântico ligado à narratividade, além de serem precedidos de um artigo, muitas vezes, indefinido.

Não gosto que me digam que me vão **contar** uma anedota, desde logo porque é como (...)



Os velhos não se importam de **contar** uma vez mais a mesma história. Por mim, estou (...)
 (...) resta a tentativa em querer **contar** uma narrativa linear, deixando os seus pontos (...)
 O que parece é que para **contar** um conto deste jaez, Jean-Pierre Jeunet escolheu (...)
 Se alguém **contar** uma piada a respeito da saúde do Papa (...)

Tal fato se confirma ao se analisar a lista de colocados (tabela 2). Variações de *história* ocorrem entre as quatro primeiras ocorrências, seguido por *piada*, que também é representada pela palavra *anedota* (posição 8). Em termos semânticos, *causo*, *conto* e *lenda* também representam elementos narrativos, ora literários, ora relacionados a história oral. Talvez *segredo* seja o único colocado no qual o traço narrativo pode ser discutido, ainda que não excluído completamente, uma vez que segredos podem conter blocos narrativos.

Tabela 2. Colocados de *contar* (verbal)

N.	Palavra	Valor	N.	Palavra	Valor
1	história	14785	6	segredo	591
2	estória	499	7	trajetória	655
3	historinha	351	8	anedota	167
4	piada	635	9	lenda	267
5	conto	658	10	causo	134

No exemplo 04, *contar* também parece expressar um significado verbal, uma vez que *contar até* reflete uma ação mental (calcular os números) seguida de um resultado material (dizê-los em voz alta), possuindo traços semânticos diferentes do significado anterior por não pressupor a construção de uma narrativa. Isso parece demonstrar que, mesmo ao possuir uma mesma classificação, há características co-textuais específicas para cada: uma fraseologia regular que, em estudos na área de GSF, formariam um padrão semântico reconhecível para análise.

(...) próximo do meu quarto, **contava** até doze e sabia que era mesmo muito tarde.
 A água estava fria. **Contamos** até três e todos se atiraram para o Poço, menos (...)
 (...) já aprenderam a **contar** até 5 em grego: ena, dio, trio, tessera, pente(...)
 Às vezes é preciso engolir ou **contar** até 10, mas p ser sincera, nem sempre é fácil(...)

Ligar é outro processo com significação múltipla, como se pode observar nos exemplos a seguir. Em ex 5 *ligar* tem um significado material, relacionado a *acionar* um equipamento ou dispositivo; em ex 6 seu significado também é material, mas está relacionado a conectar dois dispositivos fisicamente; ao passo que em ex 7 o significado é comportamental.

ex 5 Pense nisto na próxima vez que **ligar** o ar condicionado (...)
 ex 6 (...) ele teria que gravar tudo em DVD ou **ligar o** computador a TV o que é pouco pratico.
 ex 7 (...) em saber mais sobre esta publicação, pode **ligar** para o XXXXX, enviar um fax (...)



No caso do primeiro significado de *ligar*, ele está inevitavelmente seguido de uma Meta instanciada por um dispositivo mecânico ou eletrônico.

(...) se um dia o seu automóvel não	ligasse	o motor sem que, antes, provasse num (...)
(...) gripe, sem paciência nem capacidade para	ligar	o computador, mas mesmo assim nos perguntamos (...)
Acender sempre o fósforo antes de	ligar	o gás (...)
Não vou sequer	ligar	o telefone nesse dia.

Como podemos observar nas concordâncias acima, o processo interfere no estado de funcionamento de equipamentos como *motor*, *computador*, *gás* e *telefone*. O primeiro e o terceiro, mecânicos, e o segundo e o quarto, eletrônicos. Esses dispositivos são Metas por terem sua condição de existência momentânea interferida pelo processo: eles passam de um estado de inatividade para atividade.

No sentido de “conectar dois elementos” (ver concordâncias a seguir) observa-se que, apesar de material, ele possui uma estrutura gramatical diferente do anterior. Aqui há duas entidades que sofrem ação do verbo, que, em termos formais dentro da GSF, deveriam ser classificados como uma Meta (primeiro elemento que seria conectado) e um Beneficiário (que receberia tal conexão).

(...) Pênsil remonta a 1841 e tinha como objetivo	ligar	o Porto a Gaia para evitar o trânsito (...)
O objetivo é	ligar	o nascimento do jornal ao regresso das férias (...)
Sonhou até,	ligar	o Egito ao Cabo através de um extenso corredor (...)
Esta rua	liga	a Praça do Povo ao elegante bairro de (...)

Apesar de tal fraseologia já ser um determinante da diferença de sentidos, para torná-lo único em relação aos demais, são relevantes algumas observações sobre seus participantes. Aqui, eles parecem possuir traços de benefício com o processo de conexão (inclusive a Meta), ao passo que ambos também (inclusive o Beneficiário) parecem possuir traços de transformação em seu estado, isso parece se dar porque *ligar* tem um sentido de influência múltipla. Tais características parecem mostrar que *ligar* vai além de uma fraseologia própria, mas possui características que parecem não ser previstas pela teoria. Contudo, mais pesquisas seriam necessárias de forma a observar se tais resultados se repetiriam sistematicamente em outros processos de forma a estabelecer as possíveis regularidades.

Ligar também instancia significados comportamentais (concordâncias a seguir). Nesse significado, ele está necessariamente relacionado à preposição *para*, seguida de um número, indivíduo ou instituição.

(...) saber mais sobre esta publicação, pode **ligar** para o XXX, enviar um fax para (...)



(...) para o visualizar Javascript disabled ou (...)
 (...) se for num raio de 50 km
 Para informações suplementares, poderá

ligar para o Centro de Desenvolvimento Infantil (...)
ligar para XXX (...)
ligar para a Linha Azul (...)

A classificação como Comportamental se justifica pela natureza material+verbal da ação. Uma ligação telefônica pode ser classificada como um ato material (disparar o número) acompanhada de um ato verbal (falar ao monofone) e por um também Comportamental (ouvir). A característica verbal garante também um traço mental característico deste tipo de ação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Os exemplos de 8 a 15 trazem instanciações dos diferentes significados de *tratar*.

ex 8	(...) que tem para a sociedade, mesmo quando se trata de uma questão de direitos fundamentais (...)
ex 9	(...) como prevenir e tratar esta infecção periodontal que produz uma (...)
ex 10	(...) o "seu" (aqui no sentido literal) país e tratou o povo líbio nas últimas décadas?
ex 11	(...) ajudou na escrita de "Irmãos de Armas", tratou de encontrar os homens cujas vidas (...)
ex 12	(...) Assim saberá tratar toda a informação, avaliar o impacto (...)
ex 13	Partido pelos Animais é um partido que também trata de mim (...)
ex 14	(...) especiais radio cd e pode pagar em duas vezes se trata com Fulano 666-666-666 (...)
ex 15	Trata-se de um conjunto de lembranças ou sentimentos

O ex 8 é um exemplo de processo verbal, em cuja construção traz *tratar* seguido de um Alvo que se caracteriza como tema principal da discussão (ver concordâncias a seguir). Nesse caso, o processo sempre é seguido da preposição *de*, ou alguma de suas formas contratas como *do* ou *da*, e de um substantivo, por vezes nominalizado (como *falsificação*, *transporte* e *imigração*).

Nesse contexto, tratar poderia ser substituído (*probed*) por uma série de sinônimos verbais, como é o caso de “trata de uma falsificação” e “trata apenas de transporte de passageiros” que podem ser substituídos por *discutir* ou *debater*; ao passo que “tratar de algum assunto” e “tratar da minha saída da escola” poderiam ser equivalentes a *negociar*.

Paths of Glory **trata** de uma falsificação maior (...)
 Porque a aviação militar não **trata** apenas de transporte de passageiros (...)
 (...) porque eles tratam melhor, quando quiser **tratar** de algum assunto (...)
 (...) há um ano e meio quando comecei a **tratar** da minha saída da escola.

As concordâncias a seguir trazem instanciações de *tratar* em um significado Comportamental, como no ex 9, e como é possível observar (concordâncias a seguir) são representadas ações que indicam o tratamento de doenças, pacientes e seus sintomas. Estes procedimentos são o resultado de atitudes intervencionistas no estado de um indivíduo, ou conjunto deles, o que certamente passa pelo planejamento. Em outras palavras, uma ação Mental (compreender e buscar ideias para cura) seguido de um ato que recai e transforma o



outro.

(...) produzir uma nova técnica para	Tratar	o paciente recorrendo às técnicas da MTC (...)
(...) medicamento surgiu da "necessidade de	tratar	o câncer, com chance real de ajudar pacientes (...)
(...)a toma de antibióticos destinados a	tratar	sintomas resultantes de patologias muito (...)
(...) técnica médica já bem estabelecida para	tratar	outras infecções, como as urinárias (...)
	tratar	certas doenças mediadas por mecanismos (...)

Tais instanciações (ver concordâncias acima) ocorrem sem a presença de preposições ou outros elementos de ligação. O fato de seu comportamento modificar tanto enfermidades – como “tratar o câncer (...)” – e os que dela são acometidos – como Tratar o paciente (...)” – pode ser um indicativo de diferenças: no caso dos primeiros, há claramente uma tentativa de impor melhoras; ao passo que, no segundo, a eliminação do problema parecer ser o efeito desejado. Em ambos os casos, a prosódia semântica se mantém como positiva, apesar de o efeito da transformação tender a ser diferente.

Novamente, apesar de entidades como “paciente”, “câncer”, “sintomas”, “infecções” e “doenças” serem tratados como Escopos pela teoria hallidiana, o efeito sobre elas parece precisar de um olhar mais próximo. Ao estar relacionado a pacientes (pessoas ou animais) seu impacto o estado de dessas entidades parece ser transformado, passando a ser não-pacientes, o que lhes dá traços de Cliente. Já quando associado a doenças, elas passam de existentes para não existentes, uma transformação mais próxima da definição de Meta. Isso levaria a percepção que podem existir processos Comportamentais de transformação, algo não discutido por Halliday.

Mas de forma a que não	tratam	os leitores ou os espectadores como idiotas (...)
(...)o senhor Pinto de Sousa e seus áulicos	tratam	as revoltas do Norte de África, sobretudo (...)
(...) tentativa evangelizadora das culturas que	tratam	as mulheres como seres humanos de segunda (...)
O dia em que os filhos da mãe que	tratam	as mulheres como sacos de pancada apodrecerem (...)

Tal fato também parece ocorrer em outro exemplo Comportamental de *tratar*, como se observa em ex10. Ali observamos que este processo, ao ser associado a plurais e coletivos que designam uma categoria de indivíduos – tais como *leitores*, *povo sírio*, *mulheres* e *revoltas* –, também possuem traços de mudança de estado. Como podemos observar nas concordâncias acima.

Tal transformação tem seu efeito especificado pela presença de um elemento circunstancial de modo: *como* é colocado com todos os exemplos desse tipo de processo, sendo utilizado de forma a estabelecer uma linha de tratamento negativa. Aqui, há tantos casos de transformação não-física, uma vez que há proposições como “tratem os leitores ou os



espectadores como idiotas”, que implicam em uma ação Mental ou Verbal com prosódia semântica negativa, como transformações de estado que interferem no bem-estar do Comportamento, como é o caso de "tratam as mulheres como sacos de pancada”.

(...) em instalar o contador. Sendo assim,	tratei	de lhe instalar um contador (...)
(...) ajudou na escrita de "Irmãos de Armas",	tratou	de encontrar os homens cujas vidas (...)
(...) representa o seu papel de ofendida e	trata	de aproveitar essa vantagem até ao dia (...)
(...) gangues armados do PRP, que em 1911	trataram	de destruir (dizia-se então "empastelar (...))

As concordâncias acima trazem ocorrências da utilização de *tratar* em uma locução verbal, como também mostra o exemplo 11. Esse tipo de processo é de especial dificuldade de classificação dentro do modelo proposto por Halliday. Isso porque ele não parece representar a ação efetiva, projetando uma oração reduzida de infinitivo que realiza tal significado.

Em tal contexto, o processo principal parece funcionar como um elemento cuja importância está em enfatizar na progressão narrativa, mostrando a ação que a ele se segue como uma resposta a um problema técnico ou conceitual representado pela oração projetante. Isso é observável em concordâncias como “Sendo assim, tratei (...)”, na qual *tratar* parece introduzir *instalar* como uma resposta a problemas de instalação de um programa ou ainda “(...) ajudou na escrita” no qual *tratar* funciona de forma de introduzir a justificativa para ajudar no processo de escritura. Talvez por conta de tal função, eles seriam facilmente substituídos nos exemplos acima por processos não locucionais, tais como “instalei”, “encontrou”, “aproveita” e “destruíram”, respectivamente.

O processo de deslexicalização é comum em língua portuguesa e ocorre especialmente com processos cuja definição se dá pela instanciação do Escopo, como citado acima. Entretanto, *tratar* parece ocorrer por um caminho diferente, o que pode ficar claro em uma comparação com processos como *fazer* e *dar*, também comumente deslexicalizados em português:

Ele se dignou a pelo menos	dar	uma ligada pro Comandante (...)
Cada utilizador só poderá apenas	fazer	um registro ou inscrição numa das categorias (...)
E, assim persuadido	tratei	de persuadir também os outros (...)

Nas concordâncias acima, pode-se observar que em “dar” boa parte do sentido do verbo se completa pelo Escopo “uma ligada”, deixando o processo praticamente vazio e podendo ser substituído facilmente por “ligar”. O mesmo poderia ser dito em relação a “fazer”, cujo significado repousa no Escopo “um registro ou inscrição”, e cuja substituição



pelas formas sintéticas “registrar” e “escrever” também é possível em outros fraseados. Já “tratar” é um caso diferente, uma vez que ele não é seguido de um substantivo e tampouco pode ser substituído, sua estrutura não pressupõe uma forma sintética em contraste com uma forma analítica. Ele agrega algum significado diferente do verbo no infinitivo; ao mesmo tempo que o introduz uma relação subjetiva resultante de seu próprio processo de persuasão, ele projeta indiretamente tal ação na Meta “os outros” cujo processo transformador é “persuadir”.

(...) técnico-científica que obtém e	trata	dados de levantamentos topométricos (...)
Política de Privacidade ACME descreve como	tratamos	informações pessoais quando (...)
Recolher e	tratar	informação variada, recorrendo ao uso de (...)
O site, que	trata	conteúdo traduzido para o espanhol e inglês (...)

As concordâncias acima trazem “tratar” em um significado material (como também em ex12), relacionando ao procedimento de processamento de dados e informações. Nesse sentido, o processo se relaciona exclusivamente com Metas que estão ligadas a este campo semântico específico, com pouquíssimas variações; são comuns palavras como “dado(s)”, “informação(ões)”, “conteúdo(s)” e alguns sinônimos.

Na teoria proposta por Halliday (1994), Metas seriam entidades que seriam modificadas pelo verbo. Aqui elas o são, uma vez que ao passar de [não tratadas] para [tratadas] elas possuem uma transformação em seu estado: o processamento dos dados leva a modificação da estrutura das informações. Todavia, tal significado só é possível pela interação entre a Meta e o processo: “tratar” ao se colocar com qualquer item lexical sem a ideia trazida pelos exemplos acima não instanciará a ideia de “modificação necessária para utilização da informação”.

Esses resultados são importantes por trazer à baila uma questão que parece típica deste uso de “tratar”. A Meta aqui parece ser um elemento determinante para esta instanciação, uma vez que é na relação entre ela e o verbo que o significado se estabelece. Isso não está previsto nas relações descritas entre as diferentes versões da gramática (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004, 2014) e parece trazer contribuições, em especial, por demonstrar tanto a importância das relações colocacionais na construção do significado como por atribuir ao argumento um papel de modificador do processo.

(...) relacionadas com a medicina que	trata	de pacientes adultos, crianças e jovens (...)
Os hospitais são organizações para	tratar	de doentes e não para dar lucro (...)
(...) suportou só o trabalho diário de	tratar	de enfermos, desde que abriu o Hospital (...)



Ofereço-me para	tratar	de pessoa idosa (...)
(...) uma vez que tinha	tratado	pacientes com pneumonia atípica (...)
(...) contudo, sem capacidade para	tratar	doentes críticos.

As concordâncias acima trazem um uso comportamental de “tratar”, como mostra o ex13. Sua classificação pode se justificar prela relação mental-material que se estabelece em um verbo que parece ter o significado anômalo a “cuidar” ou “medicar” e está exclusivamente associado a contextos no qual o tratamento médico é tema da proposição. Nesse sentido, “tratar” pressupõe uma decisão mental de decisão do que fazer e um material, relacionada à administração efetiva do tratamento.

Como pode ser observado, o processo parece relacionar-se exclusivamente com substantivos relacionados a indivíduos que merecem ou carecem de cuidados de saúde, tais como “pacientes”, “doentes” e “enfermos”. Isso leva à instanciação de um tipo de relação similar aos exemplos anteriores: o processo neste significado só ocorre se colocado ao lado de tais substantivos, numa relação simbiótica entre o processo e seus argumentos.

Em termos de estruturas gramaticais, há uma relativa variação no uso ou não da preposição “de”, em concordâncias como “tratar [de] pacientes”, sem que, contudo, haja impacto no significado.

(...) condição "sine qua non" para vir a	tratar	com a Rússia em situação vantajosa.
(...) riscos tem manual, e fonte preço a combinar	tratar	com Fulano (...)
(...) Quando o Brasil	trata	com a França, os EUA ou mesmo com a Suécia (...)
(...) modesto e simples que	tratava	com o responsável do periódico qualquer (...)

As concordâncias acima trazem instâncias similares ao ex14, no qual o verbo tratar aparece em uma função verbal. Neste contexto, o processo está exclusivamente seguido da preposição “com”, e tem como Alvo um indivíduo – “tratar com fulano” ou “tratar com o responsável” – ou entidade personificada – “com a Rússia” – com a qual se é capaz de estabelecer um ato negocial.

	Não se	trata	de uma via autoritária marxista-leninista (...)
(...) a nossa experiência tem demonstrado que se		trata	de uma fonte de mais conflitos (...)
China tinha apenas 3,7% e a Índia 1,9%		trata-se	, simplesmente, de uma anomalia. (...)
(...) sistemas operacionais baseados no Linux,		trata-se	de sistemas UNIX-Like (...)

Por fim, as concordâncias acima, assim como o exemplo 15, trazem instanciações de “tratar” em um significado relacional atributivo, podendo ser substituído por equivalentes como “ser”. Na fraseologia identificada, ver concordâncias acima, ele ocorre exclusivamente em sua forma impessoal em terceira pessoa, acompanhando da partícula apassivadora “se”,

tanto em próclise como em ênclise, e da preposição “de”. O processo é sempre seguido de um substantivo, ora plural ora singular, precedido por um artigo indefinido “um(a)”.

Apesar de em um primeiro momento tais resultados parecerem trazer a possibilidade de existência de fraseados relacionais atributivos de caráter impessoal, tal observação poderia ser considerada como prematura, isso porque parece haver uma referência à entidade que imediatamente precede o processo. Tal referência pode funcionar como uma relação coesiva (HALLIDAY; HASAN, 1976), mesmo parecendo não ser explícita, ela pode estabelecer a ligação entre as duas entidades. Logo, apesar de utilizar uma estrutura dita impessoal, tal significado instancia uma metáfora gramatical, uma forma de conexão por proximidade. Isso traz à baila uma questão importante que comprova um dos pressupostos básicos da GSF: a relação entre significado e estrutura se reconfigura em cada uso.

Considerações Finais

Este artigo teve por objetivo discutir critérios para classificação de processos dentro do escopo da Gramática Sistemico-Funcional, a partir de uma abordagem baseada em corpus. De forma a alcançar tal objetivo, iniciou-se uma discussão sobre os pontos comuns entre a GSF e a LC, refletindo sobre as possíveis contribuições que uma análise baseada em corpus poderia trazer para a análise de transitividade.

Em seguida, foram comparados possíveis sentidos de “contar”, “ligar” e “tratar” a partir de um corpus em língua portuguesa. Cada sentido teve seu significado justificado pela análise de colocados ou concordâncias, observando-se regularidades que podem auxiliar ao analista no processo de classificação dos processos. Isso parece demonstrar que as características semânticas dos processos podem ser mapeadas a partir de suas colocações, estabelecendo, assim, padrões gramaticais que podem servir como parâmetro analítico em GSF.

No que tange à análise dos processos, os resultados mostram que a análise de concordâncias e colocados foi eficaz no processo de compreensão dos diferentes significados, observáveis apenas dentro do contexto metodológico que este artigo se propôs. Com relação a estes significados, argumentou-se em favor da classificação dos processos a partir das linhas de concordância e das regularidades presentes. Em tal análise, foi possível concluir que os diferentes significados de cada processo estão ligados ao seu universo gramatical. Isso tem duas implicações. A primeira estaria relacionada ao processo de construção de significado no

nível lexicogramatical, pois constatou-se que as diferentes relações estruturais de colocacionais de um verbo implicam em mudanças no significado instanciado. Uma consequência disso seria que qualquer classificação baseada apenas em uma visão intuitiva poderia levar à perda de alguns nuances importantes. No segundo, a análise baseada em concordâncias propiciou a observação de alguns padrões gramaticais que parecem específicos do português. Nesse ponto há destaque especial para o fato de a co-colocação entre um processo e seu argumento ser um fator importante na determinação do significado. Isso pode ser encarado como um fator a ser levado em conta nos processos de classificação processual.

Além disso, o presente estudo pode ser um indicativo para que métodos baseados em corpora sejam usados de forma mais sistemática. Como colocado anteriormente, apesar das possibilidades de tal associação, a maioria dos trabalhos em GSF utiliza a LC apenas como processo de levantamento de dados, ignorando os potenciais teórico-metodológicos que ela poderia trazer.

Agradecimentos

À Maristella Gabardo (IFPR) pela leitura de versões anteriores deste artigo.

Referências

- BARBARA, L.; GOUVEIA, C. A M. It is not there , but [it] is cohesive : the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese. *Direct Pap.*, v. 46, p. 1–13, 2001.
- BEAUGRANDE, R. “Register” in discourse studies: a concept in search of a theory. In: GHADDESSY, M. (Ed.). . *REGISTER ANALYSIS Theory and Practice Edited by Theory and Practice*. Open linguistics series. London ; New York : New York, NY, USA: Pinter Publishers ; Distributed in the U.S. and Canada by St. Martin’s Press, 1993. p. 7–25.
- BEAUGRANDE, R. DE. Descriptive linguistics at the millennium : Corpus data as authentic language. *Journal of Language and Linguistics*, v. 1, n. 2, p. 1–26, 2002.
- BERBER SARDINHA, T. Lingüística de Corpus: histórico e problemática. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 16, n. 2, p. 323–367, 2000.
- BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. *Corpus Linguistics: investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- BIBER, D.; GRAY, B. *Grammatical Complexity in Academic English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- CHAMBERS, A. What is data-driven learning? In: O’KEEFFE, A.; MCCARTHY, M. (Eds.). . *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. [s.l.] Routledge, 2010.
- GOUVEIA, C. A. M. Towards a profile of the interpersonal organization of the portuguese clause. *DELTA*, v. 26, p. 1–24, 2010.
- GOUVEIA, C. A M.; BARBARA, L. Marked or unmarked that is NOT the question , the question is : Where ’ s the Theme ? *Direct Pap.*, v. 45, p. 1–20, 2001.
- GRANGER, S.; HUNG, J.; PETCH-TYSON, S. (EDS.). *Computer learner Corpora, Second Language Acquisition and Foreign Language Learning*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and*

- meaning*. Baltimore: University Park Press, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2ª ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. *Computational and quantitative studies*. London; New York: Continuum, 2005.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language and education*. London; New York, NY: Continuum, 2007.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Construing Experience through meaning: A language approach to cognition*. London / New York: Continuum, 1999.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3rd ed ed. London: New York: Arnold; Distributed in the United States of America by Oxford University Press, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday 's Introduction to Functional Grammar*. Fourth Edi ed. New York: Routledge, 2014.
- HASAN, R. Towards a paradigmatic description of context: systems, metafunctions, and semantics. *Functional Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 9, 2014.
- KRESS, G. Against Arbitrariness: The Social Production of the Sign as a Foundational Issue in Critical Discourse Analysis. *Discourse & Society*, v. 4, n. 2, p. 169–191, 1 abr. 1993.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- LIMA-LOPES, R. E. DE. *Estudos de Transitividade em Língua Portuguesa: O Perfil do Gênero Cartas de Venda*. [s.l.] Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - LAEL/PUCSP, 2001.
- LIMA-LOPES, R. E. DE. Levantamento de Processos em Cartas de Mala Direta. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 44, n. 1, p. 133–160, jun. 2005.
- LIMA-LOPES, R. E. DE. Processos relacionais em cartas publicitárias. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 1, p. 35–69, 2008.
- LIMA-LOPES, R. E. DE. Transitivity in Brazilian Greenpeace's electronic bulletins. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, n. 2, p. 413–439, jun. 2014.
- LIMA-LOPES, R. E. DE; VENTURA, C. A transitividade em Português. *DIRECT Pap. -- CEPRIL, PUCSP, AELSU, Liverpool Univ.*, v. 55, p. 1–22, 2008.
- LUKIN, A. et al. Halliday's model of register revisited and explored. *Linguistics and the Human Sciences*, v. 4, n. 2, maio 2011.
- MARTIN, J. R. Grammar meets Genre. *Language (Baltim)*, p. 1–31, 2000.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre Relations*. London: Equinox, 2008.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M. Register in the round: diversity in a unified theory of register analysis. In: GHADESSY, M. (Ed.). *Register analysis: theory and practice*. Open linguistics series. London; New York: New York, NY, USA: Pinter Publishers; Distributed in the U.S. and Canada by St. Martin's Press, 1993. p. 221–292.
- SAUSSURE, F. DE. *Course in general linguistics*. LaSalle, Ill: Open Court, 1986.
- SINCLAIR, J. *Corpus, Concordance, Colocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- STUBBS, M. *Text and corpus analysis*. London: Blackwell, 1996.
- THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. London: Arnold, 1996.
- THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. 2. ed. London/New York: Arnold, 2004.
- VENTURA, C. S. M.; LIMA-LOPES, R. E. DE. O Tema: caracterização e realização em português. *DIRECT Papers*, v. 47, n. Siqueira 2000, p. 1–81, 2002.

Recebido em: 26/05/2017

Aceito em: 12/11/2017